

O Brasil à beira do abismo da depressão

Diretor do Deutsche alerta para o risco de agravamento da recessão

NELSON FRANCO JOBIM

Correspondente

LONDRES – O Brasil precisa agir rapidamente para evitar que a recessão atual se transforme numa depressão, com queda forte na produção e desemprego em massa, capazes de criar uma crise política, adverte o economista Norbert Walter, diretor-executivo de pesquisas do Deutsche Bank. “É preciso acabar essa briga com os governadores e reformar o sistema de aposentadoria e pensões”, receita Walter. “Se isto acontecer e o FMI puder prover liquidez”, argumenta Walter, “será possível evitar uma mo-

ratória e as taxas de juros começarão a cair. Aí será preciso chamar o setor privado e reestruturar a dívida, renegociar com os credores, alargando a dívida, mas não a juros de 25% ao ano, senão o Brasil estará condenado ao fracasso.”

Em palestra intitulada “A atual crise cambial: há esperança?”, na London School of Economics, o economista do Deutsche Bank afirmou esta semana que o Brasil precisa de “uma correção fiscal, do financiamento externo oferecido pelo FMI e de uma modesta reestruturação da dívida para reduzir a dívida de curto prazo”. Ele observou que 35% da dívida interna está indexada ao dólar: “A desvalorização da moeda não ajuda, não é a solução para tudo, como alguns diziam”.

Na análise de Walter, “as decisões e as ações estúpidas de dois governadores precipitaram a crise brasileira. É muito difícil de entender como a vitória de Cardoso não se traduziu em apoio polí-

tico. O Brasil trocou de presidente do Banco Central três vezes em um mês. E não se pode ter inflação zero e taxas de juros de 40%. É insustentável.”

Com 40% da economia mundial em recessão, Walter destacou que só os Estados Unidos hoje mostram um crescimento vigoroso capaz de evitar uma recessão mundial: “Este é o mundo onde todos querem estar. Cresceu a uma taxa de 6% no último trimestre de 1998. O desemprego caiu para pouco mais de 4%. A demanda doméstica está em expansão. O governo federal tem um superávit orçamentário de US\$ 100 bilhões e as políticas monetária e fiscal estão atentas para corrigir qualquer problema. Mas americanos estão gastando mais do que ganham e esta situação é insustentável a longo prazo”.

Pelas previsões do Deutsche Bank, os EUA vão crescer 3,5% em 1999, o Canadá, 3%, a União Européia, 2%, a América Latina, pratica-

mente zero, e o Japão, -1,5%. O crescimento americano será sustentável por mais dois anos, mas a recuperação asiática será mais demorada porque “há um problema estrutural na região. Não é só um problema macroeconômico, de liquidez. Há problemas estruturais graves”, alerta Walter.

Quando a Alemanha Oriental foi integrada à República Federal da Alemanha, em 1990, seis mil gerentes de bancos alemães-ocidentais foram enviados ao Leste, recorda Walter. “Na Indonésia, seriam necessários 70 mil; o FMI tem dois mil funcionários. O FMI falhou nesta crise ao não reconhecer suas próprias limitações. O FMI não pode resolver problemas microeconômicos. Se o problema é estrutural e não de liquidez, o FMI não pode fazer nada. A confiança não pode ser restaurada sem transparência. Quantos contadores e quanto eles vão precisar para tornar a economia coreana transparente?”